

550. imperfeições 21.10.24

Somos todos imperfeitos, uns mais que outros, sendo especializados nisso açorianos em especial e portugueses em geral. Começamos pelo clima que há uns dias atrás estava nuns amenos 25 °C e que hoje me acordou com 14 °C, ontem a máxima aqui não passou de 19 °C. Não há corpo biológico que aguente esta mutação de verão (e bem bom que ele foi em 2024) para um outono invernal em tão pouco tempo. A casa que andava quente subitamente está a menos de 20 °C e a lembrar-me de retirar os aquecedores da arrecadação, a roupa terá de ser trasladada do guarda-fatos de verão para o de inverno e vice-versa. Assim começam os meses eu mais detesto (apesar de ter regressado há 30 anos nunca me habituei a este clima, para mim natal é na praia em Bondi Beach em Sydney ou a mergulhar nas quentes águas da Barreira de Coral, como nos anos 70 o foram as águas da Praia da Areia Branca em Díli, Timor). Como isto está tudo ligado não são só as alterações climáticas que são imperfeitas, mas as obras dos humanos também.

Vem isto a propósito das obras de Santa Engrácia que ocorreram na Maia na estrada regional de acesso à Lombinha e que há vários anos (desde a derrocada de 2015) impedia o acesso direto à Maia, obrigando a desvios por estradas de vaqueiros (Calços da Maia, Gorreana de baixo, Gorreana, S. Brás) perigosas e estreitas, mal sinalizadas e com perigos vários. Claro que eram menos perigosas do que a estrada sobre o abismo das altas escarpas da MAIA sempre sujeita a derrocadas com o perigo duma queda de centenas de metros diretamente para o mar, em especial com o enorme movimento de viaturas pesadas, autocarros escolares e outros. Creio ter sido há cinco anos que encerraram de vez a estrada depois de obras incompletas e imperfeitas feitas ali, escrevi aqui vários artigos sobre o atraso nas obras e a lentidão das mesmas.

O concurso para as obras teve o seu início no já longínquo ano de 2019. Recorde-se que a primeira fase da requalificação do caminho 519 (consolidação dos taludes) teve um custo de 875 mil euros, trabalhos que ficaram concluídos em outubro de 2021. Começaram as obras (muito atrasadas) a 8 de maio com a duração de 12 meses, que afinal foram quase 18. Esta fase de melhoria da via consistia no seu alargamento, nomeadamente com a construção de um passeio de 1,20 metros no lado norte; faixa de rodagem com cinco metros para permitir a circulação de viaturas nos dois sentidos e uma vala de escoamento das águas pluviais de 70 centímetros. Pude observar entretanto a Maia a esvaír-se como uma freguesia cheia de vitalidade e a enveredar por um rumo obscuro sempre a perder valências que nem as novas construções do governo permitiam esconder (nova Casa do Povo, Centro de Dia, etc.). Foram-se os dois bancos, os CTT, os restaurantes idem, a padaria e tudo parecia voltar à calma dos anos 60. Aliás, com as melhorias na SCUT, muito se falou na necessidade de abrir um desvio direto mas o plano original parece ter sido alterado e o desvio para a Maia era por Porto Formoso, São Brás, Gorreana, ou Calços da Maia, o que desaconselhava a ida a tão aprazível zona costeira com belos trilhos como o da Praia da Viola e o da Gorreana.

Vem isto a propósito de - sem pompa nem circunstância - terem aberto a restaurada estrada da Lombinha – Maia ao trânsito, mais ampla, com passeios e aparentemente bem mais protegida do que era dantes, mas esqueceram-se de retirar contentores e outros restos da obra, nem sequer se deram ao trabalho de retirar os sinais de proibição de circular no começo e no fim.



Não custava muito meter meia dúzia de homens a retirar os restos da obra e atualizar a sinalização, antes de convidarem as altas entidades para a abertura oficial do troço de estrada com provável descerramento de placa comemorativa, assinalando assim a concretização de um sonho com 50 anos. Um parque de merendas na descida, continua ocupado com um contentor dá uma bela imagem da imperfeição humana, a que se juntam as bermas por desbastar (coisa que agora é muito vulgar nas estradas da autarquia (notavelmente na Lombinha da Maia – Barreiros / Calços da Maia) e outras.

Disseram-me que é por falta de pessoal, mas o facto é que nestes 20 anos de residente local nunca as vi tão maltratadas de arbustos e demais vegetação a intrometerem-se na via, dificultando a visão, já de si deficiente, dos que nela circulam.

Já me queixava deste mal em julho de 2023 quando escrevi "*em quase 20 anos nunca vi tanto mato nas bermas da estrada da Lombinha para os Barreiros...será que só eu vi isto? ou a Junta não passa ali há meses? está pior que os caminhos agrícolas, pf façam a limpeza das bermas como era costume...*"

Há dias anunciaram a construção de mais uma dúzia de habitações a preços controlados pelo governo, mas nem isso bastará para renovar a velha Maia que durante séculos sonhou em ser Vila e que nestas últimas décadas viu esse desiderato esfumar-se como as ruínas do seu forte (conhecido como o Reduto da Maia) desaparecido no século 18 sem deixar vestígios nem uma placa a marcar a sua antiga localização.

Na Wikipédia podemos ler que: *O **Reduto da Maia**, posteriormente referido como **Forte do Espírito Santo**, localizava-se no então lugar da Maia, concelho da Ribeira Grande, a norte da ilha de São Miguel, nos Açores. Em posição dominante sobre este trecho do litoral, constituiu-se em uma fortificação destinada à defesa deste ancoradouro contra ataques de piratas e corsários, outrora frequentes nesta região do oceano Atlântico. No contexto da Guerra da Sucessão Espanhola (1702-1714) encontra-se referido como "O Reduto do logar da Maya."*

Na relação "Fortificações nos Açores existentes em 1710". No contexto da instalação da Capitania Geral dos Açores, o seu estado foi assim reportado em 1767: "20.º — *No logar da Maya se conservam alguns vestígios de que houve alli um Forte chamado do Espírito Santo, e se deve novamente edificar, pela necessidade que tem aquelle sitio de ser defendido.*" Esta estrutura não chegou até aos nossos dias.

A continuar assim, e a menos que se invertam as atuais políticas de desenvolvimento com enormes perdas populacionais, a pujante freguesia da Maia pode vir a ter um fim como o do seu Reduto, o que muito nos entristeceria e empobreceria, dada a sua rica História.

Chrys Chrystello, Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 29 7713 [Australian Journalists' Association - MEEA]



dchryschrystell@journalist.com

**Diário de Trás-os-Montes (2005) - Diário dos Açores (2018) - Tribuna das Ilhas (2019) –
Jornal LusoPress, Québec, Canadá (2020) - Jornal do Pico (2021)**